

LEMBRAR PARA ESQUECER OU ESQUECER PARA LEMBRAR?

TO REMEMBER FORGETTING OR TO FORGET REMINDING?

Débora Racy Soares ¹

RESUMO: Nessa resenha apresentamos o livro *Lembrar Escrever Esquecer* de Jeanne Marie Gagnebin. Seu principal interesse é refletir sobre as relações entre a memória, a história e o esquecimento.

PALAVRAS-CHAVE: *Lembrar Escrever Esquecer*, Jeanne Marie Gagnebin, memória, história, esquecimento.

ABSTRACT: This book review is about *Lembrar Escrever Esquecer* by Jeanne Marie Gagnebin. Her main interest is to reflect about the relations between memory, history and forgetting.

KEYWORDS: *Lembrar Escrever Esquecer*, Jeanne Marie Gagnebin, memory, history, forgetting.

Seria possível empreender a paradoxal tarefa de rememoração do passado, mantendo-se amorosamente fiel ao presente? Esse desafio é proposto para os que se aventuram pelas páginas de *Lembrar Escrever Esquecer* (São Paulo, SP: Ed.34, 2006) de Jeanne Marie Gagnebin. Através de quatorze ensaios, oriundos de exposições orais em encontros e congressos, a professora titular de Filosofia na PUC (Pontifícia Universidade Católica) de São Paulo e livre-docente em Teoria Literária na UNICAMP (Universidade Estadual de Campinas) põe em prática uma reflexão abrangente e necessária. De maneira lúcida e sensível, Jeanne Marie demonstra que, embora o exercício da escrita possa petrificar o presente, ele é imprescindível para lutar contra o esquecimento.

Nestes ensaios, Jeanne Marie revisita períodos históricos longínquos entre si, refazendo os caminhos de Ulisses na *Odisseia*, passando pelos de Kafka e de Proust, até aportar nas discussões recentes sobre a literatura de testemunho no contexto da Shoah. A amplitude temporal, contudo, favorece a distinção da variação de tom, permeável ao olhar atento da autora que não se deixa seduzir por grandes sistemas interpretativos. Na bagagem, Jeanne Marie traz, na

¹ Mestre em Estudos Literários pela UNESP/Araraquara. Doutoranda em Teoria e História Literária na UNICAMP. Apoio: FAPESP. E-mail: debora_racy@yahoo.com.br

esteira do último Benjamin (aquele das teses sobre o conceito de história), a necessidade de lembrar os mortos e os vencidos como reação ao esquecimento silenciador. De Nietzsche fica a lembrança de que, diante do apelo do presente, é preciso saber esquecer, o que no limite, sinalizaria a desistência do olhar complacente aos “rituais de auto-reprodução institucional” e sinalizaria a urgência em explorar territórios “sem definição nem inscrição prévia” (p.12). *Lembrar Escrever Esquecer* configura-se, portanto, nas dobras das lembranças e dos esquecimentos, em via de mão dupla.

Nos dois primeiros ensaios que abrem o livro, “A memória dos mortais: notas para uma definição de cultura a partir de uma leitura da *Odisséia*” e “Homero e a *Dialética do Esclarecimento*”, Jeanne Marie parte da leitura crítica do ensaio seminal de Adorno e Horkheimer para demonstrar o que teria ficado recalcado ou esquecido no próprio texto da *Dialética*. Em linhas gerais, Adorno e Horkheimer, como também Pierre Vidal-Naquet e François Hartog, entendem a trajetória de Homero como uma alegórica perda de rumo no imenso “mar sem caminhos” (p.13). Para os pensadores alemães, a história de Ulisses sinalizaria a dominação da natureza ou do *Mythos* pelo *Logos/Aufklärung*. A razão instrumental e a identidade subjetiva se estabeleceriam, portanto, a partir de um paradigma de violência necessário que se satisfaria com a auto-repressão da libido mais originária e do controle da natureza ameaçadora. Não é difícil perceber que Adorno e Horkheimer seguem as pegadas de Marx, Freud e Nietzsche. Jeanne Marie, ao contrário, oferece uma leitura “mais grega” e “menos alemã” da *Odisséia*, como ela mesma diz (p.14). Nesse sentido, ela parte do episódio dos Lotófagos (*Odisséia*, Canto IX) para sinalizar que o esforço de manutenção da memória e, portanto, da tradição, é inerente à condição humana. Os comedores de “loto”, embora sejam pacíficos, oferecem, através de seu fruto, “doce como o mel”, o eterno presente do esquecimento (p.14). É esse enfrentamento contra o esquecimento que move Ulisses por toda a *Odisséia*. Ele que é o grande *aedo* de seus feitos, ao reverter o tempo sob a égide da *Mnemosyne*, demonstra sua habilidade na arte de lembrar e narrar. Como o episódio das sereias é bastante significativo nesse sentido, dele Jeanne Marie se apropria para demonstrar como Adorno e Horkheimer desconsideram uma parte essencial da tradição que, se fosse lembrada, poderia pôr em risco a afirmação de uma dialética do Esclarecimento. Em outras palavras, estes pensadores insistem no (alto) preço que o sujeito racional deve pagar para se constituir autonomamente. Ao resistir ao canto das sereias ou ao mito, Ulisses – paradigma do sujeito racional - salvaria sua vida. Porém, reconheceria que a *promesse du bonheur* deve ser degustada de braços e pernas bem atadas ao mastro do navio. Dito de outro modo, o estreitamento dos laços impede a dissolução da

vontade e confirma o sentido rigoroso da dialética: um converter mútuo entre mito e esclarecimento. Segundo Jeanne Marie, os autores da *Dialética* se esquecem de que Ulisses não é apenas vencedor, mas também, “herdeiro das sereias” (p.36). Ao resistir aos seus (en)cantos, Ulisses estaria autorizado a “perpetuar a memória” da beleza. Ao fazê-lo, ele se tornaria um “*aedo* exemplar” não só por sua habilidade rememorativa, como fica patente no episódio na corte do Rei Alcino, mas também por sua capacidade de (auto)constituição subjetiva por meio da narrativa (p.36). É como se Ulisses, ao narrar seus feitos, fortalecesse sua subjetividade através de uma fruição sem renúncias, passando ao largo do esquema da contradição dialética que sustenta a argumentação de Adorno e Horkheimer.

Os três textos seguintes, “Verdade e memória do passado”, “Memória, história, testemunho” e “Após Auschwitz”, são costurados pela mesma preocupação com a “verdade do passado” (p.39). Neles, Jeanne Marie parte, principalmente, das conhecidas teses sobre o conceito de história de Benjamin e da afirmação enfática de Adorno – “escrever um poema após Auschwitz é um ato bárbaro, e isso corrói até mesmo o conhecimento de por que hoje [o ensaio é de 1949] se tornou impossível escrever poemas” (p.72). A discussão inicial gira em torno do paradigma positivista que elimina a historicidade do discurso histórico, ou seja, da relação específica que o presente do historiador guarda com um determinado momento do passado. Ao retomar a noção de rastro, elaborada por Paul Ricoeur e revisitada por Derrida, a autora demonstra como o rastro “inscreve a lembrança de uma presença que não existe mais e que sempre corre o risco de se apagar definitivamente” (p.44). Ao partir desse conceito para discutir sobre a memória, Jeanne Marie aponta a tensão entre “a presença e a ausência, presença do presente que se lembra do passado desaparecido, mas também presença do passado desaparecido que faz sua irrupção em um presente evanescente”, sinalizando a força e a fragilidade da memória e do rastro (p.44). Fragilidade da qual a própria escrita não está imune, como se lembra a autora ao recorrer à palavra grega *sêma*. A recordação etimológica vem a propósito, já que os sentidos inscritos nesta palavra remetem tanto ao signo quanto ao túmulo, o que nos envia à questão da escrita da história como trabalho de luto ou, para pensar com Freud, como uma espécie de retorno do recalado. O esforço para retrair, *ad eternum*, mobiliza a própria escrita da autora. Ao assumir a tarefa da rememoração (*Eingedenken*), no sentido forte benjaminiano, Jeanne Marie reabilita possibilidades de leitura que ficaram esquecidas, isto é, que não tiveram direito a palavras, tampouco a lembranças. Ao retomar a conhecida frase de Adorno, oriunda de seu ensaio de 1949, Jeanne Marie mostra como sua recepção, ao condenar a poesia contemporânea,

tem sido infeliz. Ao propor uma outra leitura para a polêmica suscitada por Adorno, a autora sinaliza a necessidade de se pensar a cultura criticamente, enquanto “instância negativa e utópica”, prevenindo-a de sua degradação pela “máquina de entretenimento e de esquecimento” (p.72).

O ensaio seguinte intitula-se “Sobre as relações entre ética e estética no pensamento de Adorno”. Jeanne Marie parte de três conceitos-chave da teoria adorniana, a *mimesis*, a autonomia e a resistência, procurando demonstrar como esses conceitos ultrapassam o domínio do estético para fundar uma ética “da distância e do reconhecimento da alteridade” (p.93). Ao conjugar ética e estética, a autora ensina que a experiência estética, essa “experiência da distância do real em relação a nós” abre caminho para o aprendizado ético que, no limite, significa “não recalcar o estranho”, mas “acolhê-lo na sua estranheza” (p.94). Contra o impulso mimético de identificação e projeção que, diga-se de passagem, fecundam ideais paranóico-totalitários com violência onipotente, Jeanne Marie aposta na autonomia e na resistência, paradigmas da reflexão crítica.

Na seqüência temos os seguintes textos: “O que significa elaborar o passado?”, “O rastro e a cicatriz: metáforas da memória”, “Escrituras do corpo” e “O rumor das distâncias atravessadas”. Todos eles estão articulados em torno das estratégias de conservação e dos mecanismos de lembrança. Os dois primeiros, especificamente, tratam de conceitos importantes aos estudiosos da memória, como o trauma, o testemunho e o rastro. A partir da experiência traumática, isto é, da “impossibilidade de esquecimento”, Jeanne Marie desenvolve um novo olhar sobre a literatura de testemunho (p.99). Na esteira de Nietzsche insiste que o esforço rememorativo que não seja capaz de interferir no presente, de forma a modificá-lo, está fadado a uma espécie de infecunda “comemoração solene” (p. 103). Para dar corpo às suas idéias teóricas, expostas nos dois primeiros ensaios citados, Jeanne Marie recorre a exemplos literários extraídos de Kafka e de Proust. É assim que, em “Escrituras do corpo”, a autora se debruça sobre a leitura da narrativa kafkaniana *Na colônia penal* para discorrer sobre a “máquina”, um aparelho de tortura que inscreve a sentença de morte no corpo da vítima, provocando sua morte, após longa agonia. Embora o texto de Kafka não permita grandes esperanças, Jeanne Marie reabilita a figura do viajante, normalmente visto com certa antipatia pelos intérpretes da novela, procurando entendê-lo à luz do fato de Kafka ter reescrito várias vezes as últimas páginas dessa narrativa. Em outras palavras, a autora procura ser mais complacente com o viajante estrangeiro, sugerindo que o desconforto causado por sua demora em reagir parece ter afetado até mesmo o próprio Kafka. Não deixa de impressionar a capacidade de Jeanne Marie de enveredar pelas sutilezas do texto,

costurando seus argumentos com detalhes que passaram, muitas vezes, despercebidos por intérpretes de Kafka. Para concluir, a autora sinaliza que, no fundo, nós, leitores de Kafka, gostaríamos de poder nos identificar com o “poder da razão e da tolerância” que caracterizaria o viajante estrangeiro (p.142). Já em “O rumor das distâncias atravessadas”, Jeanne Marie retoma, embasada em Paul Ricoeur, o conhecido episódio da “madeleine” proustiana, figurada no *Em busca do tempo perdido*. Nesse ensaio, a autora enfatiza o conflito entre o lembrar e o esquecer que sustenta a trama da mais famosa obra proustiana, demonstrando a impossibilidade de as “revivências felizes” escaparem de sua dolorosa contraparte: a presença do tempo e da morte (p.160).

Nos dois próximos ensaios, “Uma filosofia do *cogito* ferido: Paul Ricoeur” e “Os prelúdios de Paul Ricoeur”, Jeanne Marie revisita o filósofo de *Temps et Récit* procurando delinear seu conceito de “refiguração”. Ao entender a “transformação da experiência do intérprete (e do leitor)”, ou seja, a “refiguração” de Ricoeur de uma perspectiva da memória, da história e do esquecimento, Jeanne Marie reconhece a experiência da escrita como nova apreensão de si mesmo. Não é sem propósito que ela recorre justamente à citação que Ricoeur faz de Proust, mais especificamente a contida nas últimas páginas de *À la recherche*: “Porque, na minha opinião, não seriam meus leitores mas leitores de si mesmos, meu livro não passando de uma espécie de lentes de aumento (...) meu livro graças ao qual eu lhes forneceria o meio de lerem a si mesmos” (p.174).

“Platão, creio, estava doente!” e “As formas literárias da filosofia” concluem *Lembrar Escrever Esquecer*. No primeiro ensaio, Jeanne Marie demonstra como Platão, ao reconstruir a história da morte de Sócrates contra a opinião que predominava na *polis*, o faz apostando em um “anonimato vertiginoso” (p.199). É como se Platão, propositadamente, enfraquecesse a figura do sujeito/autor para garantir a “força da verdade do discurso filosófico” (pp.198-9). Em “As formas literárias da filosofia”, a autora articula, ou “partilha”, como diz Foucault, a filosofia e a literatura procurando entender suas definições cambiantes.

Enfim, a leitura de *Lembrar Escrever Esquecer* revela o verdadeiro anelo que inspira Jeanne Marie: a necessidade de rememorar o passado mantendo fidelidade ao presente. Para concluir com as palavras da autora: “ouvir o apelo do passado significa (...) estar atento a esse apelo de felicidade e, portanto, de transformação do presente, mesmo quando ele parece estar sufocado e ressoar de maneira quase inaudível” (p.12).

TRAVESSIAS ED. 03 ISSN 1982-5935
Educação, Cultura, Linguagem e Arte
www.unioeste.br/travessias

TRAVESSIAS ED. 03 ISSN 1982-5935
Educação, Cultura, Linguagem e Arte
www.unioeste.br/travessias